



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA

Maria Eduarda Vermohler

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E GÊNERO: AS TRAJETÓRIAS DE
MULHERES ATLETAS PROFISSIONAIS**

Florianópolis

2024

Maria Eduarda Vermohler

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E GÊNERO: AS TRAJETÓRIAS DE
MULHERES ATLETAS PROFISSIONAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Educação física – Hab. Licenciatura, do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Carolina Fernandes da Silva.

Coorientador(a) Prof.^a Mes. Bruna Leticia de Borba.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Vermohler, Maria Eduarda
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E GÊNERO: : AS
TRAJETÓRIAS DE MULHERES ATLETAS PROFISSIONAIS. / Maria
Eduarda Vermohler ; orientador, Carolina Fernandes da
Silva, coorientador, Bruna Leticia de Borba, 2024.
51 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Desportos, Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Educação Física. 2. Gênero. 3. Futebol para mulheres.
4. Educação física escolar. I. Fernandes da Silva,
Carolina. II. de Borba, Bruna Leticia . III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Educação Física. IV.
Título.

Maria Eduarda Vermohler

Educação física escolar, futebol e gênero: as trajetórias de mulheres atletas profissionais.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Licenciado” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Educação Física.

Florianópolis, 10 de dezembro de 2024.

Insira neste espaço
a assinatura

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Insira neste espaço
a assinatura

Prof.^a Dr.^a Carolina Fernandes da Silva
Orientadora.

Florianópolis

2024

Dedico este estudo a todas as mulheres futebolistas, que lutaram por seus direitos e abriram portas para que eu, e tantas outras meninas, pudessem praticar o futebol.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por iluminar meu caminho e minhas escolhas. Ele é meu alicerce, sem ele nada conseguiria conquistar.

Aos meus pais Carlos e Fabiana, que sempre batalharam muito para que eu pudesse viver a vida da melhor forma possível. E que sempre me aplaudiram tão alto, que eu nunca percebi aqueles que não aplaudiram.

Aos meus irmão Gabriel e Gustavo, que são a parte mais importante da minha vida. E que durante a pandemia viraram minhas cobaias para as tarefas da faculdade.

Ao meu amor, Geovane, que durante toda a minha caminhada nunca soltou a minha mão. Ele tornou minha trajetória acadêmica mais leve e feliz.

À toda a minha família, que foram apoio constante nessa jornada, principalmente durante a escrita deste trabalho.

À professora Carolina Fernandes da Silva, que me ensinou tanta coisa, em pouco tempo. A tua orientação tornou possível que eu enxergasse caminhos que antes eu não enxergava.

À professora Bruna Leticia de Borba, por toda atenção e carinho, teu auxílio durante o desenvolvimento desse trabalho foi essencial.

Por fim, agradeço a todos colegas e professores que passaram pela minha vida acadêmica. Em especial, minhas amigas Amanda e Kaliane, vocês fizeram os dias na universidade serem mais leves e divertidos.

“Tenha coragem para todos os dias acordar e enfrentar os constantes ‘nãos’ que você vai receber. Busque sabedoria para tirar o melhor proveito da palavra ‘não’ e saiba o quanto ela pode ser poderosa para seguir em frente, forte, determinada e focada na busca pelo seu objetivo.” (Marta Vieira, jogadora de futebol, eleita 6 vezes a melhor do mundo, em entrevista para revista Marie Claire, 2022).

RESUMO

As mulheres tiveram experiências diferentes das dos homens quando se trata do assunto esporte, sendo até proibidas, por um tempo, de praticarem alguns deles, dentre eles o futebol. Esse contexto esportivo restrito onde as mulheres foram inseridas tem reflexos até os dias atuais, especialmente, dentro das aulas de educação física, onde as questões de gênero são cada vez mais evidenciadas, principalmente quando o conteúdo central das aulas é o futebol. Dito isso, o objetivo geral deste estudo é entender a relação entre educação física escolar e gênero, através da perspectiva de mulheres atletas profissionais de futebol. Para alcançar o objetivo, a metodologia utilizada foi a aplicação de entrevistas semiestruturadas com três mulheres atletas profissionais de futebol selecionadas, com uma amostragem do tipo bola de neve. Os resultados da pesquisa nos mostraram que as aulas de educação física se tornam lugares propícios ao reforço de estereótipos de gênero, quando o conteúdo se torna estritamente o futebol. As entrevistadas tiveram experiências parecidas quanto aos conteúdos que eram ministrados nas suas aulas de educação física, porém suas experiências diferem quando o ponto se torna a influência que essas aulas tiveram nas escolhas profissionais dessas atletas. Como resultados, também é possível perceber, como o futebol, atualmente, ainda é atravessado por questões de gênero e ainda carrega consigo estereótipos de ser um ambiente essencialmente masculino. Para concluir destaco a importância de os conteúdos das aulas de educação física serem cada vez mais diversificados, para que as aulas se tornem objetos de transformação e de construção de pensamentos.

Palavras-chave: Gênero; Educação física escolar; Futebol para mulheres.

ABSTRACT

Women had different experiences than men when it came to sports, and were even banned, for a time, from practicing some of them, including soccer. This restricted sporting context in which women were inserted has repercussions to this day, especially within physical education classes, where gender issues are increasingly highlighted, especially when the central content of the classes is soccer. That said, the general objective of this study is to understand the relationship between school physical education and gender, through the perspective of female professional football athletes. To achieve the objective, the methodology used will be the application of semi-structured interviews with three selected female professional football athletes, with a snowball sampling. The research results showed us that physical education classes become places conducive to reinforcing gender stereotypes, when the content becomes strictly football. The interviewees had similar experiences regarding the content taught in their physical education classes, but their experiences differ when the point becomes the influence that these classes had on the professional choices of these athletes. As a result, it is also possible to see how football, currently, is still permeated by gender issues and still carries with it stereotypes of being an essentially masculine environment. To conclude, I highlight the importance of the content of physical education classes being increasingly diverse, so that classes become objects of transformation and construction of thoughts.

Keywords: Gender; School Physical Education; Soccer for women.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Informações das participantes..... **Error! Bookmark not defined.**

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	16
1.1.	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
1.1.1.	AFINAL, O QUE É GÊNERO?	19
1.1.2.	O HISTÓRICO DO FUTEBOL PARA MULHERES NO BRASIL	20
1.2	OBJETIVOS	24
	OBJETIVO GERAL	24
1.2.1.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
1.3	JUSTIFICATIVA	24
2.	METODOLOGIA	27
2.1.	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	27
2.2.	PARTICIPANTES DO ESTUDO	27
2.3.	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	28
2.4.	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS.....	29
2.5.	ASPÉCTOS ÉTICOS	30
2.6.	ANÁLISE DE DADOS	31
3.	RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
3.1.	EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E GÊNERO	32
3.2	FUTEBOL PROFISSIONAL E GÊNERO	37
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS	47
	ANEXO A – TCLE	49

1. INTRODUÇÃO

Para as mulheres, as experiências esportivas são diferentes daquelas experimentadas pelos homens. O futebol, por exemplo, por muito tempo, ficou limitado como um espaço masculinizado, refletindo os valores tradicionais que são interligados a normas heteronormativas (Broch, 2021). Estas normas, historicamente, buscam determinar padrões a serem seguidos pelas mulheres, como, por exemplo, serem “sensíveis, ingênuas, passivas, donas-de-casa, física e moralmente frágil, com instinto maternal e infinita capacidade de amar e de se dar” (Silva, Fontour, p. 271, 2011). Tais aspectos também podem ser identificados no contexto desportivo, visto que este foi tradicionalmente determinado como um ambiente masculinizado e que ameaçava feminilidades atribuídas (Silva, Fontour, 2011).

Entre os anos de 1941 e 1979, esteve em vigor uma legislação que proibia mulheres de participarem e jogarem diferentes esportes (Goellner, 2021). No artigo 54 do Decreto-Lei 3.199/1941, assinado por Getúlio Vargas na data de 14 de abril de 1941, O Conselho Nacional de Desportos (CND), acatando as recomendações médicas, proibiu a prática da atividade argumentando que o esporte era mais inadequado para a natureza da mulher (Ribeiro et al. 2023).

Após esta legislação sair de vigor, em 1979, a presença das mulheres no futebol passa a ser vista como um espaço de luta pela igualdade entre os gêneros (Freitas, et al. 2019). Contudo, ao lançar um olhar sobre a História das Mulheres no futebol, os quase 40 anos de proibição deixaram marcas profundas no futebol feminino, de modo que os reflexos disso ainda são identificados e sentidos (Cruz, Palmeira, 2009) pelas mulheres que estão envolvidas nessa prática, seja esta educacional, de lazer ou profissional.

A compreensão binária de que homens e mulheres têm papéis de gênero diferenciados induz à estereotipia de gênero, ou seja, induzimos que para cada gênero existe comportamentos pré-determinados, e esse tipo de comportamento muitas vezes acaba refletindo, principalmente, quando a criança chega à escola (Cruz, Palmeira, 2009). De acordo Cruz e Palmeira (2009, p. 120), “Usar acessório rosa, praticar esportes, ou brincar de bonecas, por exemplo, são características que culturalmente são definidas como específicas para cada gênero”.

O conceito de gênero abrange todas as formas de construção social, cultural e linguística que determinam quais os processos e as características diferenciam

mulheres de homens, processos esses que os separam como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (Louro, Felipe, Goellner, 2013). Nesta mesma linha, Cruz e Palmeira (2009, p. 121) afirmam que “[...] as diferenças de gênero não são produtos das diferenças biológicas, mas consequência das estruturas sociais e culturais que enaltecem o “masculino” e desvalorizam o “feminino”.”

Conforme Moraes, Dias e Oliveira (2023), na educação física escolar, a prática esportiva se torna uma ferramenta que permite a manutenção da crença de uma “inferioridade feminina” e reforça os estereótipos de gênero. E, se tratando das últimas décadas, o esporte como conteúdo nas aulas de educação física, ainda é o principal, e às vezes único, a ser lecionado pelos professores dentro das escolas (Cruz, Palmeira, 2009). Com isso, a introdução dos esportes nas aulas de educação física reitera as diferenças de gênero, a partir do momento que as meninas são vistas como seres frágeis e dóceis, e os meninos dotados de força, dominação e poder (Furlan, Santos, 2008).

Segundo Altmann (2015), além dos meninos verem as aulas de educação física como aula que só se joga futebol, dentro das aulas se pode ver como a exclusão de alguns estudantes envolvem as relações de gênero e o nível de habilidade de cada um. A maioria dos meninos tem uma opinião formada sobre a falta de capacidade das meninas em jogarem futebol, opinião essa que, provavelmente, leva em conta apenas aspectos culturais e históricos que lhes foram apresentados, que colocam a mulher como figurante no campo dessa prática esportiva (Malvar, 2020). Nessa perspectiva, Faria Júnior (1995) aponta que um dos motivos para o atraso da prática do futebol por parte das mulheres tenha sido devido à pouca participação e oportunidades oferecidas a elas, principalmente dentro das aulas de educação física.

A participação das mulheres no esporte, especialmente em modalidades “tradicionalmente masculinas” como futebol e futsal, é um desafio devido à história de preconceito que a modalidade carrega consigo (Costa, 2019). Ao passo em que os conteúdos sobre esporte, principalmente sobre o futebol, são conteúdos recorrentes dentro das aulas de educação física, Ribeiro et al. (2023) afirmam que em lugares que tem como objetivo contribuir para a formação do cidadão, como a escola, ainda são encontradas barreiras no que se diz respeito a prática do futebol por parte das alunas. Souza Júnior e Darido (2002) contam que o papel do professor de educação física na escola tem como finalidade contribuir para a formação global do cidadão. Porém, alguns professores preferem separar meninos e meninas nos esportes, e apontam

que há uma “preferência” na utilização do voleibol para as meninas e futebol para os meninos (Ribeiro et al., 2023).

Nas aulas de educação física, os atos de exclusão de gênero se reforçam cada vez mais, quando o conteúdo central é o esporte, principalmente o futebol. Pois sendo um conteúdo generificado e generificador, traz em seu contexto histórico as questões de gênero, sempre reafirmando os preconceitos estabelecidos em outras épocas, sobre a participação das meninas nessas aulas (Moraes, Dias, Oliveira, 2023; Cruz, Palmeira, 2009; Furlan; Dos Santos, 2008; Goellner, 2005). Estudos como os de Ribeiro et. al (2023), Aguiar, Maldonado (2021), Malvar (2020) e Costa (2019) focam em discutir sobre a prática das mulheres em esportes predominantemente praticados por homens, como o futebol e o futsal, dentro do contexto escolar. Porém, dentre esses autores, apenas Ribeiro et. al (2023) e ... utilizam a narrativa e as experiências escolares de mulheres atletas profissionais de futebol para entenderem essas questões e problemas de gênero presentes nas escolas.

Diante disso, entende-se que estudos sobre este tema são emergentes, pois ao apresentar a trajetória de mulheres atletas profissionais de futebol podem-se identificar como e se a educação física escolar influenciou a formação esportiva dessas atletas e pode revelar práticas exitosas que incentivaram suas carreiras e/ou obstáculos que podem ser removidos para apoiar futuras gerações. Além disso, ao focar na perspectiva de mulheres profissionais, o estudo dá voz a um grupo historicamente marginalizado no esporte, oferecendo insights sobre como a educação física influenciou suas escolhas, oportunidades e carreiras esportivas. Assim, este estudo busca contribuir para a compreensão de como a educação física escolar estabelece relações com estereótipos de gênero.

Diante deste cenário, surge o seguinte problema de pesquisa: de que maneiras as questões de gênero vivenciadas na educação física escolar se relacionam com a trajetória esportiva de mulheres no futebol profissional?

1.1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1.1. AFINAL, O QUE É GÊNERO?

Para que possamos falar sobre as relações entre gênero, futebol e educação física escolar, se torna necessário compreender o conceito de gênero que utilizaremos neste estudo. Silva, E., (2003) apud Cruz, Palmeira, (2009) relata que o significado do termo gênero, com o conceito próximo do que é discutido atualmente da construção social, foi utilizada pela primeira vez pelo biólogo estadunidense John Money, em 1955, pois até então o termo gênero era utilizado somente para apontar as diferenças entre os sexos. A teórica Judith Butler (2018), conta que o gênero é culturalmente construído. Isso significa que se o indivíduo nasce homem ou mulher, a ele/a já é determinado quais experiências, lugares e comportamentos eles/as terão perante a sociedade, de acordo com o sexo que nasceram (Butler, 2018). Mulheres devem ser elegante, educadas, sensíveis, não muito esportistas e dóceis enquanto os homens devem ser cavalheiros, brutos, dotados de força e esportistas (Firmino, Porchat, 2017).

A partir disso, Firmino e Porchat, (2017) afirmam que:

O conceito de gênero surge então para afirmar que as diferenças sexuais não são por si só determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres, mas são significadas e valorizadas pela cultura de forma a produzir diferenças que são ideologicamente afirmadas como naturais (Firmino, Porchat, 2017, p. 55).

Louro, et al. (2013) enxerga o conceito de gênero também no contexto da construção social, a autora afirma que “as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas” da sociedade são construídas através de representações de feminino e masculino ao mesmo tempo que trabalham para produzir e reproduzir tais implicações (p. 18). A autora ainda diz que o conceito de gênero reafirma as distinções biológicas e comportamentais entre homens e mulheres.

O contexto de uma cultura e de um regime de poder colocam características ao gênero e ao o que se pressupõe ser masculino e feminino, ou seja, mesmo que se dê uma “escolha” ao indivíduo e não o demarque mulher ou homem logo quando nasce, por conta do seu sexo, ao longo do crescimento e desenvolvimento daquele indivíduo existirá um conjunto de normas, impostos na cultura, que diz como ele deve

se comportar, o que deve vestir e a quem deve desejar tendo como base o seu gênero (Firmino, Porchat; 2017).

No esporte, por exemplo, podemos perceber ainda mais como essa determinação cultural implica para dizer quais esportes servem para os homens e quais servem para as mulheres. Silveira e Vaz (2014) apontam que o esporte hoje em dia é visto tanto como um lugar que reforça esses estereótipos de ordem de gênero, quanto um lugar que é utilizado para demonstrar formas de resistência e oposição dessa mesma ordem. Os mesmos autores afirmam que mulheres esportistas vistas como musculosas demais, constantemente são atacadas por não seguirem esse ideal normativo que é imposto pela sociedade. Os autores ainda completam que:

A desfeminização de mulheres cis parece que leva algumas atletas a reiterarem a todo o momento que, de fato, independente do esporte que praticam, precisam manter a certa feminilidade heteronormativa. Isso pode ser bem observado nas roupas, acessórios e penteados utilizados para a prática esportiva, que estão relacionados a uma atratividade heterossexual, reiterando a perspectiva de que uma mulher, para manter-se como tal, não deve abrir mão de suas características "femininas" (Silveira, Vaz, 2014, p. 219).

Sabendo disso e entendendo que o gênero é uma construção social e cultural reforçada por meio de rituais cotidianos da sociedade (Butler, 2018; Firmino, Porchat, 2017; Silveira, Vaz, 2014; Louro, et al., 2013), o próximo tópico buscará relacionar essas questões de gênero e como essa construção cultural acerca da feminilidade teve grande impacto sobre a história do futebol praticado por mulheres no Brasil.

1.1.2. O HISTÓRICO DO FUTEBOL PARA MULHERES NO BRASIL

O futebol foi um dos esportes que mais sofreu com os problemas de gênero (Broch, 2021). Podemos perceber isso quando olhamos diretamente para a história do futebol feminino no Brasil. A prática do futebol chegou no Brasil por volta de 1894 e desde então foi praticada pelos homens (Broch, 2021). Como o futebol foi inserido no Brasil, principalmente, por um membro da elite e homem branco, o esporte inicialmente foi praticado apenas por membros da mesma, como aristocratas, investidores e herdeiros. Pessoas de outra classe social ou etnia, só passaram a praticar o esporte quando se tornou necessário que os times dos ricos ganhassem títulos e os fizessem ganhar mais dinheiro (Guterman, 2009). Em seu surgimento o futebol ficou limitado apenas como um espaço masculinizado, muito principalmente,

pelos aspectos socioculturais e econômicos, os valores e tradições que eram ligados a ele na época em que surgiu (Broch, 2021).

O artigo 54 do Decreto-Lei de número 3.199, assinado por Getúlio Vargas na data de 14 de abril de 1941 dizia que as mulheres não seriam permitidas a prática de esportes que iria contra a sua natureza biológica, e dizia que o Conselho Nacional de Desportos deveria parar de oferecer determinados esportes as mulheres (Broch, 2021; Goellner, 2021; Freitas, et al., 2019). Embora esse decreto não especificasse uma proibição direta a nenhum esporte, essa proibição se estendeu até o futebol, pois estudiosos da época diziam que tal esporte feria a natureza feminina e considerava o contato presente no mesmo com muita violência (Broch, 2021). Neste período a prática de tais esportes não cabiam as mulheres, pois elas não tinham a força exigida e os modos de masculinidades que sua prática carregava, desde o uso de corpo, ações como brigas, empurrões, jogadas com as pernas e tombos, entre outros, modos esses que não eram esperados pela sociedade que viessem de uma mulher (Cruz, Palmeira, 2009). Além desses argumentos, destaca-se que as mulheres futebolistas e esportistas eram vistas como uma ameaça ao sistema de normatividade de gênero e ao poder intelectual e físico que cabia apenas aos homens naquela época (Broch, 2021).

Com a chegada da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o ano de 1965 ficou marcado como a época mais severa da proibição para as mulheres no futebol. Pois, foi nesse ano que o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação número 7, que declarava a proibição por parte das mulheres para praticar alguns esportes como o futebol de praia, futebol, polo aquático, rúgbi e halterofilismo. Nessa época muitas mulheres chegaram a ser presas ao descumprir tal deliberação (Broch, 2021; Freitas, et al., 2019; Cruz, Palmeira, 2009; Goellner, 2005). Mesmo com todas essas proibições e ameaças algumas mulheres resistiram e seguiram praticando o esporte e, de alguma maneira, evitaram que esta prática desaparecesse e a mantiveram ativa na sociedade (Goellner, 2021).

A proibição perdurou entre os anos de 1941 e 1979, quando finalmente a proibição do futebol para mulheres foi revogada, e só aí a presença feminina no futebol passou a ser vista novamente (Broch, 2021; Goellner, 2021). Levaram três anos até que, persuadido pelo exemplo da União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), o Conselho Nacional de Desportos, no dia 25 março de 1983, autorizasse e regulamentasse a prática do futebol praticado por mulheres, porém estabeleceu que

fossem seguidas as regras e normas da FIFA (Federação Internacional de Futebol), como a diminuição do tempo do jogo, do tamanho do campo, do peso da bola, além do uso obrigatório de protetores para os seios e chuteiras sem travas pontiagudas (Goellner, 2021). Naquela época, a sociedade brasileira associava as mulheres a um corpo considerado frágil. Assim, mesmo com a autorização para a prática esportiva, prevalecia a ideia de que o corpo feminino não era adequado para o "verdadeiro futebol" praticado pelos homens, reforçando a exclusão das mulheres nessa modalidade, como observado em Silveira e Vaz (2014 p. 217):

Embora pareça inovadora a presença das mulheres no esporte e principalmente no esporte de alto nível, elas sofreram grande interferência dos padrões sexuais de gênero (o princípio da organização heterossexual). Ao contrário do que possa parecer, a mulher atleta ainda se vê obrigada - para ter sucesso no esporte - a reproduzir, e por consequência, a se conformar, com as ideologias patriarcais e mesmo com os modelos estereotipados de feminilidade, principalmente no que refere às suas aparências. (Silveira, Vaz, 2014 pg. 217.)

A primeira seleção feminina foi formada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) apenas no ano de 1988 e disputou seu primeiro jogo como seleção em 1991, porém nos anos de 1992 e 1995 a CBF não organizou o campeonato nacional praticamente ignorando a seleção durante esses anos (Broch, 2021; Goellner, 2021). Os primeiros times femininos profissionais aqui no Brasil surgiram só a partir de 1993, como o paulista Saad e o carioca Radar (Broch, 2021). A estreia do futebol de mulheres nos Jogos Olímpicos aconteceu durante os Jogos de Atlanta (EUA) em 1996. Mesmo com todas essas competições e surgimento dos times profissionais, a maioria das jogadoras ainda não conseguiam viver do esporte como um subsídio profissional, era necessário que essas jogadoras trabalhassem em outros locais ou jogassem simultaneamente futebol de campo e futebol de quadra para conseguirem se manter e “não passarem fome” (Goellner, 2021).

O início dos anos 2000, foi marcado por um ciclo de vitórias e classificações positivas da seleção brasileira, nossas jogadoras foram medalhistas de Ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2003 e 2007 que aconteceram em Santo Domingo e no Rio de Janeiro, respectivamente, foram Campeãs Sul-Americanas também em 2003, levaram a medalha de Prata nos Jogos Olímpicos de Atenas (2004) e de Pequim (2008) e foram Vice campeãs da Copa do Mundo de Futebol Feminino da China (2007)

(Goellner, 2021), sendo essa sua melhor colocação no mundial desde sua primeira participação em 1991.

Ao ver esses resultados poderíamos dizer que estava se iniciando uma nova era do futebol de mulheres e que essas conquistas trariam mais estruturas de profissionalização ao esporte, porém durante os anos pouco se avançou nessa direção (Goellner, 2021). Somente em 2019 a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) tomou uma medida quanto a isso na qual obriga que “a partir de 2019, os clubes que não tiverem um time de mulheres disputando competições nacionais não poderão participar de campeonatos sul-americanos de futebol de homens” (Barreira, et al., 2020, p.29). Essa decisão da CONMEBOL fez os times profissionais masculinos de futebol de campo, principalmente aqueles que estavam disputando competições em níveis nacionais, lançarem um olhar mais atencioso sobre seus respectivos times femininos e direcionassem mais investimentos a eles (Goellner, 2021). Em 2023 outra ruptura histórica importante para o futebol para mulheres do Brasil foi a transmissão da copa do mundo feminina em canal aberto, sendo televisionada por uma das maiores emissoras do Brasil, pela primeira vez desde a primeira edição do mundial em 1991.

Embora tenha ocorrido avanços na organização do esporte no país, ainda há muitas barreiras para as mulheres no futebol, como a falta de campeonatos, contratações e a falta de políticas públicas e privadas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte (Ribeiro et. al, 2023). Pensando que no século XIX, a participação das mulheres nos esportes se tratava apenas de acompanhantes ou telespectadoras, hoje essa participação se tornou mais ativa dentro da prática (Goellner, 2005). Porém não podemos nos enganar e pensar que isso signifique que as mulheres se igualem, em termos de oportunidades na área do esporte que os homens, ou ainda acharmos que os preconceitos quanto à participação na categoria feminina do futebol foram extintos.

Os quase 40 anos que o futebol praticado por mulheres ficou proibido no Brasil deixaram marcas em sua história (Broch, 2021; Goellner, 2021; Freitas, et al, 2019; Cruz, Palmeira, 2009;), atualmente ainda se pode ver resquícios dessa conturbada história na prática do futebol feminino em toda a sociedade como dentro das escolas, nos clubes, na rua. Pensando nisso, não se pode afirmar ainda que, só porque as mulheres conseguiram um espaço dentro dos esportes majoritariamente praticados

por homens, que esses mesmos esportes tenham deixado de lado as ideologias naturalistas de gênero (Cruz, Palmeira, 2009).

1.2 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Entender as relações entre educação física escolar e gênero pela perspectiva de mulheres atletas profissionais de futebol.

1.2.1. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as trajetórias de mulheres atletas profissionais de futebol em relação às suas experiências na educação física escolar
- Identificar diferenças e particularidades nas vivências de mulheres atletas profissionais de futebol nas aulas de educação física escolar, com foco nas questões de gênero.
- Examinar como a educação física escolar pode ou não influenciar nas escolhas profissionais das mulheres no futebol.

1.3 JUSTIFICATIVA

Como justificativa social, esta pesquisa vem com o intuito de abrir um olhar sobre as questões de gênero, como está contada pela pesquisadora, que ocorrem dentro das aulas de educação física, e muitas vezes passam despercebidas. Ao abrir este olhar e contar a trajetória escolar de algumas mulheres atletas profissionais do futebol, sobre estas questões, espera-se que as práticas sejam ressignificadas nas instituições de ensino, pois, como afirmam Furlan; Santos (2008, p. 41): “se em um universo onde há a formação do cidadão as práticas permanecem excludentes, não haverá maneiras de modificação da sociedade na qual estamos inseridos.”. Ou seja, se mudarmos a forma como as práticas excludentes permeiam as aulas de educação física, que são formadoras de cidadãos, podemos mudar a forma como a sociedade vê essas práticas.

A base legal impõe o enfrentamento de temas relacionados a gênero na escola, as Diretrizes Nacionais de Educação, desde a educação infantil até o ensino médio,

apontam a necessidade de trabalhar questões ligadas a gênero e sexualidade (Ação educativa, 2015). Portanto, analisar as experiências das atletas profissionais do futebol praticado por mulheres pode auxiliar os professores a selecionarem produções científicas sobre essas temáticas (Aguiar e Maldonado, 2021). Dito isso, incluo também como justificativa, a importância deste trabalho para o auxílio destas discussões de gênero, que, como citado acima, são discussões que devem emergir dentro das aulas.

Parte de uma atuação e justificativa pessoal, utilizarei experiências pessoais para dar importância a esta pesquisa. Como mulher que sempre amou praticar esportes e dos 13 aos 17 anos foi atleta de rendimento no futsal, muitas vezes senti na pele o machismo que cerca o esporte, por praticar um esporte que é visto como um esporte “masculino”. No entanto, quando questiona-se para especificar um acontecimento em que fez querer pesquisar sobre relações de gênero nas aulas de educação física, aponta-se determinada situação: “em determinado momento do oitavo ano do ensino fundamental, quando em uma das aulas de educação física com minhas colegas, que gostavam de jogar futebol, pedimos para meu professor para “treinarmos” para a gincana escolar daquele ano, e solicitamos a ajuda dele para convencer os meninos a nos cederem um tempo da aula, pois os mesmos estavam usando aquela aula para “treinar” também e não queriam nos ceder uma parte da aula. Foi então que nosso professor nos disse a seguinte frase “não vou atrapalhar os meninos, vão ali na outra quadra jogar vôlei, pois vocês não sabem jogar futebol e futebol não é coisa de mulher, é coisa de homem”. Esta fala, extremamente problemática e misógina, foi dita em um contexto em que o professor deveria estar tentando evitar essa separação de gêneros e não contribuindo para que ela se fortificasse.

As questões de gênero que emergem nas aulas de educação física, já são muito discutidas em trabalhos como Moraes, Dias, Oliveira (2023); Cruz, Palmeira (2009); Furlan, Santos (2008); e Goellner (2005). Autores como Ribeiro et. al (2023), Aguiar, Maldonado (2021), Malvar (2020) e Costa (2019) também abordam as questões de gênero nas aulas de educação física, focando, no entanto, em discutir sobre a prática das mulheres em esportes predominantemente praticados por homens, como o futebol e o futsal. Porém, a maioria desses estudos não buscam entender qual a relação entre essas questões de gênero na trajetória esportiva de mulheres atletas de futebol. Se torna necessário então, não somente discutir sobre

essas relações de gênero existentes, mas também trazer um novo olhar para essa discussão, trazendo a narrativa e as experiências escolares de mulheres atletas profissionais de futebol. Como pessoas ativas ainda nesse ambiente esportivo, suas experiências podem trazer um novo olhar para essa discussão, um olhar de pessoas que vivenciaram e ainda vivenciam essas questões de gênero ambiente do futebol. Se torna importante dar voz a essas mulheres nas discussões sobre as situações que elas mesmas passaram durante sua educação física escolar.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho será dividida em seis subtópicos sendo eles caracterização do estudo, participantes do estudo, instrumento de coleta de dados, procedimento de coleta de dados, aspectos éticos e análise de conteúdo. Abaixo segue a descrição de cada um deles.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Essa pesquisa é de caráter exploratório. Pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar familiaridade com o assunto e a construção de hipóteses e, geralmente, este tipo de pesquisa envolve “entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” (Gil, 2002, p. 41; Silva, E., Menezes, 2005). Este também utiliza uma abordagem qualitativa, ao estabelecer relações entre a vida real e o sujeito, que não podem ser traduzidas em números ou serem medidas através de métodos ou estatísticas (Silva, E., Menezes, 2005). Minayo (2010, p. 57) conceitua a abordagem qualitativa como “[...] aquela que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem”.

2.2. PARTICIPANTES DO ESTUDO

Para encontrar os participantes desse estudo foi utilizado o conceito bola de neve, onde a partir de informantes-chaves, intitulados como sementes, se localiza outras pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da sua gama de contatos (Vinuto, 2014). Os critérios de inclusão para participação do estudo foram: serem mulheres, possuir experiência profissional com futebol de campo e entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) antes do momento das entrevistas.

A partir dos critérios, previamente estabelecidos, o estudo foi composto por três participantes, na tabela 1 é possível visualizar informações e características de cada participante:

TABELA 1 - INFORMAÇÕES DAS PARTICIPANTES

	E1	E2	E3
IDADE	34 anos	41 anos	30 anos
CIDADE QUE VIVE	São Paulo	São Paulo	Florianópolis
ESCOLARIZAÇÃO	Ensino médio completo	Pós-graduada em Psicologia do esporte. Cursando mestrado em ambiente de saúde.	Graduanda em fisioterapia
PERÍODO QUE FREQUENTOU A ESCOLA	Aproximadamente entre os anos de 1994 à 2006	Durante a década de 90.	Aproximadamente entre os anos de 2000 à 2012
QUAIS ESCOLAS ESTUDOU	Estudou sempre nas escolas públicas da cidade em que morava, em Parelheiros, SP.	Até o ensino médio estudou em escolas públicas em São Paulo. No ensino médio estudou em escola particular, com bolsa atleta.	Até a sétima série estudou em colégio público. Da oitava série em diante estudou em escola particular, com bolsa atleta de 50%.
ATUAL RELAÇÃO COM O FUTEBOL DE CAMPO	Jogadora profissional. Atua pelo time do Palmeiras.	Aposentada. Mas, sonha em trabalhar como gestora em um grande clube de futebol.	Atleta profissional de futebol.
OCUPAÇÃO PROFISSIONAL PARA ALÉM DO ESPORTE	Não tem.	Coordenadora de esportes em um colégio particular.	Acadêmica de fisioterapia. Estagiária em uma academia.

Fonte: Tabela criada pela pesquisadora.

2.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para coleta de dados utilizou-se como instrumento entrevista semiestruturada (**Apêndice A**), pois segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 195) a entrevista “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Utilizou-se de entrevista de caráter semiestruturada, esse tipo de entrevista é composto por questões abertas, pré-selecionadas, pelo pesquisador (a), podendo surgir outras questões durante a entrevista, a partir da conversa entre o entrevistador e o entrevistado (Dicicco-bloom, Crabtree, 2006).

A elaboração e construção do roteiro de entrevistas ocorreu da seguinte forma:

1. Foram selecionados quatro blocos norteadores para a formulação das perguntas:

Bloco 1: Trajetória na educação física escolar;

Bloco 2: Educação física escolar e futebol;

Bloco 3: Educação física escolar, futebol e gênero;

Bloco 4: Futebol profissional e gênero.

2. Cada bloco era composto por 3 a 4 perguntas.

3. As perguntas foram formuladas com base nos objetivos específicos deste estudo.

2.4. PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Segundo Guazi (2021) por meio da entrevista, é possível coletar dados subjetivos a respeito do que, como e por que as pessoas fazem o que fazem. Segundo a autora, é possível investigar o que as pessoas sentem e o contexto no qual elas sentem o que sentem, identificar tendências de comportamentos, dentre outras coisas. A entrevista semiestruturada é uma técnica adaptável e flexível, que se inicia com um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, porém ao longo da entrevista o entrevistador é livre para criar novas perguntas que podem surgir no decorrer da conversa com o entrevistado (Guazi, 2021). Guazi (2021) afirma que a técnica de entrevista pode ser dividida em seis etapas: 1) elaboração e testagem do roteiro de entrevista; (item 2.3 deste trabalho); 2) contato inicial com os participantes; 3)

realização das entrevistas; 4) transcrição das entrevistas; 5) análise dos dados (item 2.6 deste trabalho) e; 6) relato metodológico, que se refere a toda a metodologia descrita no decorrer deste trabalho.

O primeiro contato foi feito com a E3, que já era conhecida pela pesquisadora, via e-mail, para convidá-la a participar da entrevista. Nesse contato inicial com a atleta em questão foi solicitado que ela nos indicasse possíveis profissionais de seu convívio que cumprissem os critérios de inclusão da pesquisa, critérios estes já explicitados, no tópico anterior, para participarem da mesma. Porém, a participante E3 não conhecia alguém para indicar. Desta forma foi necessário que a pesquisadora entrasse em contato com um treinador de futebol, conhecido por ela, para que ele pudesse indicar uma possível participante. O treinador indicou o contato da participante E2. O primeiro contato com a E2 foi feito também via e-mail, com o convite para participar da pesquisa e solicitado a ela, assim como a participante anterior, que nos indicasse possíveis profissionais de seu convívio, a E2 indicou o contato da participante E1. O processo de contato se repetiu para a participante seguinte. Dentro do corpo do e-mail convite enviado a todas as entrevistadas, foram descritos o tema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos e os aspectos metodológicos presentes. Após o aceite das participantes e submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH/UFSC).

As entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade de cada participante. Antes de cada entrevista as participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B), que foram assinados antes do início das entrevistas. As entrevistas foram feitas via Google Meet, duraram em torno de 35 a 45 minutos e gravadas pelo recurso de gravação da própria plataforma, duraram em torno de 35 a 45 minutos. Após findadas as entrevistas as transcrições das mesmas foram feitas com o auxílio da plataforma *Descript*, as transcrições tiveram 10 páginas cada uma.

2.5. ASPÉCTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) via Plataforma Brasil. Após a aprovação foi entregue a cada participante o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a ser assinado, antes das entrevistas. No documento foram esclarecidos os seguintes tópicos: a) os objetivos e procedimentos metodológicos adotados; b) que não haverá gastos financeiros e que haverá dispêndio de tempo para participar da pesquisa, por parte do entrevistado; e c) explicaremos a segurança em relação ao anonimato. Além disso, foi lembrado às participantes o direito de desistirem de participar na pesquisa, a qualquer momento.

2.6. ANÁLISE DE DADOS

Este estudo utilizou o método de Bardin (2011), para a análise dos dados coletados. Bardin (2011) destaca três fases para o procedimento de análise de dados: 1) pré-análise (verificação da frequência de determinado tema e definição dos temas a serem abordados), 2) exploração do material e organização das categorias que serão discutidas, 3) tratamento dos resultados (inferência e interpretação dos dados coletados).

O momento de pré-análise ocorreu durante e depois das entrevistas. Após a transcrição das entrevistas, foi realizada uma verificação de possíveis temas em comum na fala das entrevistadas ou em temas que respondessem ou se aproximassem dos objetivos específicos da pesquisa.

Após a verificação e definição dos temas a serem abordados, iniciou-se a segunda fase do método. Que se caracterizou pela separação e agrupamento em grupos dos dados coletados, a partir da pré-análise foi possível organizar a discussão em duas categorias: *Educação física escolar e gênero* - que discutirá as questões sobre gênero que emergem dentro das aulas de educação física; *Futebol profissional e gênero* - que discutirá a influência das aulas de educação física na escolha profissional das entrevistadas e as questões de gênero dentro do futebol profissional.

Seguido da categorização e definição dos temas, se iniciou a terceira e última fase, que, segundo Bardin (2011) as interpretações e inferências do conteúdo devem buscar o que se esconde por trás dos significados das palavras para apresentarem, em profundidade, o discurso dos enunciados. Ou seja, a interpretação deve ir além do superficial e entender possíveis significados implícitos dentro das informações obtidas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para melhor compreensão, este tópico foi dividido em dois subtópicos, que tentaram responder os objetivos gerais e específicos desta pesquisa, sendo eles: *Educação física escolar e gênero* e; *Futebol profissional e gênero*.

3.1. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E GÊNERO

Conforme Furlan e Santos (2008), o ambiente escolar, em geral, desde o princípio, induziu a produção de distinções e desigualdades entre os estudantes. Dentro das escolas era comum separar os sujeitos, através de diversos tipos de classificação, ordenamento e hierarquização. Uma das características da educação física é que em seu início como prática escolar, era a de separar as turmas em “níveis de aptidão” e as funções de nacionalismo que cabiam a educação física “tanto na formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável em defesa da pátria, como na tentativa de desmobilização das forças políticas e opositoristas” (Cruz, Palmeira, 2009, p. 120).

As aulas de educação física, são pouco inclusivas no que se refere à participação das meninas no futebol (Ribeiro et.al 2023). Este problema se agrava ainda mais quando práticas esportivas, consideradas tradicionalmente masculinas, são abordadas, como por exemplo, futebol e futsal, dentro das aulas (Malvar, 2020). Quando questionamos sobre “Como eram organizadas as suas aulas de educação física escolar nas diferentes fases de ensino?”, as três entrevistadas relataram que, dentro do que lembram da sua educação física escolar, a maioria dos professores ministrava apenas esportes ou apenas “[...] soltavam bola e vamos ver o que os alunos têm capacidade de fazer.” (E1, 30/11/2024). A E3 relata uma experiência parecida com a da E1 “[...] o que o professor fazia era botar bola no meio, cada um pro seu lado e vamos pro *game*, né, era isso [...]o professor nem ficava na aula, às vezes, ele botava lá, ia lá pra dentro tomar um cafezinho...” (E3, 25/10/2024).

Já a E2 teve uma experiência diferente das demais entrevistadas, ela comenta que inicialmente, durante o ensino fundamental os professores passavam a cada bimestre um esporte “[...] normalmente...era normalmente vôlei, handebol, basquete, o futsal era no último do bimestre.” “[...] o quarteto fantástico. (risos)” (E2, 12/10/2024). Porém, ela relata que mais tarde, durante o ensino médio ela tinha um

professor, que marcou muito ela, pois ele passava conteúdos diferentes além do esporte:

Mas, quando eu entrei no ensino médio, **eu ganhei bolsa de 100% num colégio muito bom em São Paulo**. E lá eu tinha um professor, o nome dele era Alexandre. **E ele fazia avaliação física**. [...] **E eu achei aquilo incrível**, eu falei, meu Deus, sabe? Não sei, para mim, o professor de educação física ia lá, colocava a bola no chão e a gente jogava [...] eu achava isso incrível, ele não chegava lá e dava alguma coisa da cabeça dele, ele tinha o papel a prancheta dele o que ia ser feito, ele explicava antes o que ia ser feito [...] **então a gente se sentia até motivada a estar fazendo aula de educação** [...] (E3, 25/10/2024, *grifos nossos*)

Através do relato das entrevistadas, podemos perceber que o conteúdo central das aulas de educação física era o esporte, e no caso da E1 e E3 era quase sempre o futebol. Quando esses conteúdos se tornam recorrentes nas aulas, levam à exclusão de estudantes menos aptas/aptos a práticas esportivas, pois segundo Furlan e Santos (2008, p. 34) “nas aulas de educação física, os atos de exclusão se reforçam na medida em que o conteúdo central é o esporte, pois [...], já traz em seu contexto histórico a problematização de gênero”. Especificamente, agrava a exclusão das meninas nas aulas, pois o esporte, na maioria das vezes, se associa à masculinidade do “homem forte, violento e vitorioso” (Furlan, Santos (2008, p. 33).

A partir destes aspectos, o conceito de gênero é compreendido no contexto da construção social, sendo determinado, culturalmente, quais experiências determinado gênero terá acesso. Louro, et al. (2013), de forma semelhante, afirma:

[...] As próprias instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídos e atravessados por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações. (Louro, et al. 2013, p. 18).

Ao fixarmos o olhar para as características dadas, fundamentalmente, pelo âmbito social, no que diz respeito as divisões baseadas no sexo, é possível perceber as representações e características das diferenças binárias e percebe-se que, vinculadas às diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, estão outras, como as diferenças sociais e culturalmente construídas (Furlan, Santos 2008). Uma das falas de E1, me chamou a atenção, pois retrata, como ela se sentia em relação às essas características que a sociedade “esperava” dela. “Então, era muito difícil,

assim, porque parece que eu tinha que agradar uma sociedade, né? Eu tinha que me portar como todas as meninas se portavam, eu tinha que falar, eu tinha que andar, eu tinha que me vestir como as outras [...] (E1, 30/11/2024).

Cruz, Palmeira (2009) afirma que as instituições, escola e família, são as principais responsáveis pela construção e reprodução de tais conceitos equivocados e dos valores estereotipados acerca destas questões de gênero. Pode-se dizer que dentro das escolas, é comum, os professores de educação física utilizarem o esporte para desenvolvimento global dos educandos (Ribeiro et. al, 2023), e ao escolher o esporte como conteúdo único para a educação física, de alguma maneira os professores acabam reforçando a divisão de gênero da turma dentro de suas aulas. Segundo Altmann (2015) além dos meninos verem as aulas de educação física como aula que só se joga futebol, dentro das aulas se pode ver como a exclusão de alguns estudantes envolvem as relações de gênero e o nível de habilidade de cada um “[...] eu lembro que a primeira vez que eu fui pedir para jogar futsal com os meninos, eles não deixaram [...]” (E2, 12/10/2024). Entendendo que as aulas de educação física são pouco inclusivas, no que se refere à participação das meninas no futebol e nos esportes (Ribeiro et. al, 2023), as entrevistadas foram questionadas sobre a participação das outras meninas nas aulas de educação física, já que, as mesmas afirmaram que o conteúdo central das aulas eram os esportes, e na maioria das vezes, o futebol: “Os meninos que jogavam, eram poucas meninas [...] na verdade era eu e mais uma, as outras estavam sentadas, olhando. Tipo conversando sobre qualquer outra coisa” (E1, 30/11/2024). A E2 foi sucinta ao responder que: “Não participavam. [...]eu era a única menina que participava.” (E2, 12/10/2024), enquanto a E3 lembra que a reação das meninas ao lembrarem que era dia de educação física era “[...] aí, hoje vai ser ter educação física, que droga [...]” (E3, 25/10/2024).

Silveira, Vaz (2014) apontam que o esporte hoje em dia é visto tanto como um lugar que reforça esses estereótipos de ordem de gênero, quanto um lugar que é utilizado para demonstrar formas de resistência e oposição dessa mesma ordem “Sempre tinha aquele preconceito que chegava, e eu estava lá no meio dos meninos, aí sempre era escolhida por último.” (E1, 30/11/2024). A E3 apresenta que o ambiente reforçava os estereótipos, mas sua estratégia de resistência era a permanência no meio masculinizado. “[...] a gente conseguia, né, bater ainda de peito com eles e mostrar que a gente pode sim, que a gente é capaz, que a gente é forte, que a gente é suficiente [...]” (E3, 25/10/2024).

Firmino, Porchat (2017, p.60) afirmam que “Quando o corpo extrapola as fronteiras que tentam delimitá-lo e regulá-lo, acaba por implodir o sistema que tentava capturá-lo, pois subverte sua lógica e denuncia sua impotência explicativa”, a E3 apresenta ter recebido comentários preconceituosos durante as aulas: “[...] ser taxada como tipo, ah, ela é diferente, ah, ela é estranha, ela é aquilo [...]” (E3, 25/10/2024). Segundo Silveira e Vaz (2014) isso seria comum nas trajetórias de mulheres esportistas vistas como musculosas demais, constantemente são atacadas por não seguirem esse ideal normativo que é imposto pela sociedade.

Sobre isso a E1 relembra um momento que passou durante um dos jogos escolares em que participou:

[...] eu tava acabando com o jogo, assim, jogando muito bem, eu tinha uma praticidade de jogo e **eu tava indo muito bem nessa partida**, e, por causa disso, a treinadora virou e falou assim, “**certeza que essa menina não é menina ela é homem**”. E **aquilo me incomodou muito**, assim, eu tive uma reação muito ruim também em relação a isso, porque eu era meio revoltada também, mas enfim, assim, então, tipo, **vindo de uma mulher isso foi marcante pra mim** [...] (E1, 30/11/2024, *grifos nossos*).

No esporte podemos perceber ainda mais como essa determinação cultural implica para dizer quais esportes servem para os homens e quais servem para as mulheres “[...] como era escola pública, tinha um pátio bem grande, os meninos ficavam jogando futsal dentro da quadra e as meninas jogavam vôlei do lado de fora, era mais ou menos assim.” (E2, 12/10/2024). A E3 conta que durante as suas aulas “[...] existia uma guerra, né entre as meninas e os meninos, os meninos só jogavam futebol, e as meninas “agora a nossa vez joga vôlei” [...]” (E3, 25/10/2024).

À medida que os conteúdos das aulas de educação física se resumem em esportes como futebol, vôlei, handebol e basquete (Oliveira, 2021), as aulas se tomam como uma ferramenta, em que permite a manutenção da crença de uma inferioridade por parte das mulheres e reforça os estereótipos de gênero (Moraes, Dias, Oliveira, 2023). No entanto, as entrevistadas demonstram que não era apenas os conteúdos abordados em aula que reforçavam aspectos que fortalecem estereótipos misóginos, a própria fala dos professores também reflete esta realidade. Segundo a E3, nas aulas “[...] até professora ou professor que às vezes falava, ‘não, esse esporte não é pra ela, esse esporte não é de menina’ [...]” (E3, 25/10/2024). O pensamento misógino ainda existe nas escolas, principalmente, quando os professores de educação física desestimulavam as meninas que queriam vivenciar os esportes considerados

masculinos (Aguiar, Maldonado 2021). “Eu tive sempre a sorte de ter um professor que deixava a gente jogar junto, mas tinham alguns que sempre tentavam estimular a gente a jogar vôlei. As meninas vão pro vôlei e os meninos vão pro futebol [...]” (E3, 25/10/2024).

Os padrões e estereótipos que persistem dentro das aulas são, muitas vezes, difíceis de serem quebrados, porque, como vimos, já há uma construção cultural, não somente dentro da escola, mas em outros espaços de prática esportiva, espaços esses, como o futebol, que sempre vetaram a participação das mulheres (Malvar, 2020). Ao serem questionadas sobre quais os desafios e/ou facilidades que vivenciaram na prática do futebol na educação física, a E3 liga os desafios a falta de estímulo por parte dos professores, “Eu acredito que a dificuldade foi a falta de estímulo, né? De estimular as mulheres estarem ali na quadra [...]” (E3, 25/10/2024). Já a E1 comenta que:

Nossa, **desafios foram vários** assim, porque por mais que me destacasse, [...] tinha o outro lado, né? Tinha aquela que **eu tinha que estar sempre me provando**, que aí era apelidos, preconceito, preconceito no meu bairro, então era muito difícil [...]. (E1, 30/11/2024, *grifos nossos*).

Ainda sobre isso a E2 comenta que dentro de suas aulas ela não se recorda de muitos momentos desafiadores ou facilitadores, ela comenta que:

[...] eu acho que a barreira maior foi que vários momentos **não só lá dentro da escola, da educação física, mas quando eu queria sair**, por exemplo, meus amigos eu só tinha amigos homens [...] **eles jogavam em escolinhas** lá onde eu morava, **e eu não podia jogar porque eu era menina** (E2, 12/10/2024, *grifos nossos*).

Uma das estratégias que podem ser utilizadas, para se evitar as reproduções e padrões da sociedade é a necessidade de que os conteúdos que permeiam as aulas de educação física sejam cada vez mais abrangentes e diversificados e evitem os conteúdos que reforcem os estereótipos sociais e culturais sobre gênero. A inclusão no currículo de linguagens Base Nacional Curricular Comum (BNCC) tem como objetivo “proporcionar aos alunos uma ampla gama de práticas que abrangem expressões artísticas, corporais e linguísticas” (Ribeiro et. al, 2023, p. 10). Por isso, a educação física deve explorar diversas formas de atividades que incentivem as diferentes expressões corporais “como jogos, esportes, dança e ginástica, que juntas

compõem uma área de conhecimento denominada de cultura corporal.” (Ribeiro et. al, 2023, p. 10). Segundo Furlan e Santos (2008, p. 41):

[...] as práticas sejam ressignificadas, e que seu início se dê nas instituições de ensino e nas políticas públicas de incentivo, pois se em um universo onde há a formação do cidadão as práticas permanecem excludentes, não haverá maneiras de modificação da sociedade na qual estamos inseridos. (Furlan, Santos, 2008, p. 41).

Dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado (Ribeiro et. al, 2023). Quando falamos sobre igualdade nas aulas de educação física, não deve se tratar apenas da comparação entre meninas e meninos, nesse caso o importante é entender o processo individual de todos incluindo dentro das aulas, atividades que possam ser praticadas por todos igualmente e que contribuam para a construção do ser social, que nesse caso, são os alunos (Furlan; Santos, 2008).

3.2 FUTEBOL PROFISSIONAL E GÊNERO

O futebol é profundamente atravessado pelas questões de gênero (Goellner, 2021). As questões de gênero estão totalmente ligadas com a prática do futebol feminino no Brasil e em outros lugares, meninas sonham em ser atleta profissional de futebol feminino e muitas almejam espaços no esporte como os meninos, buscando por oportunidades que lhe façam crescer e evoluir dentro da prática (Ribeiro, et al. 2023). A escola, muitas das vezes, pode ter esse papel de ser uma porta de entrada para todos os esportes e ser um dos primeiros lugares onde essas meninas têm acessos e oportunidades (Oliveira, 2021). Porém, é necessário que haja uma intervenção, por parte dos professores, para que essas práticas esportivas não se tornem excludentes e/ou estereotipadas, como vimos no tópico anterior.

Pelo relato das entrevistadas, percebe-se que ambas tiveram experiências escolares muito parecidas. Porém, quando questionadas se as aulas de educação física, e as experiências que tiveram dentro das aulas, tiveram algum impacto na sua trajetória profissional, as atletas contam diferentes histórias. A E1 relata que desde pequena sonhava em ser jogadora de futebol e sempre teve muito apoio de seus pais durante a sua carreira por isso quando questionada se as aulas de educação física

tiveram algum impacto sobre a sua carreira, afirma que a escola foi irrelevante neste caso: “Não, porque eu acho que foi uma coisa tão natural que aconteceu dentro da minha casa que assim, o resto era irrelevante, sabe, eu tinha uma base sólida para querer seguir essa carreira.” (E1, 30/11/2024). A E3 tem um relato parecido com a E1, ela conta que a educação física não teve impacto tão grande em sua trajetória “Não teve, tipo, um impacto tão grande [...] por fora é que veio essa paixão e fui treinando, foi mais por fora.” (E3, 25/10/2024). Contudo, a E3 também lembra de um professor específico que conversou com seus pais e incentivou eles a levarem ela para uma escolinha, na qual ela pudesse desenvolver mais a habilidade que tinha “Teve um professor que ele me dava muita atenção, assim, dava pra ver que era uma atenção especial, tipo, de conversar com meus pais, pra eles me colocarem em escolinha de futebol [...]” (E3, 25/10/2024), de certa forma, esse incentivo do professor foi “um pontapé” para que ela iniciasse a prática regular do futebol e, embora o desenvolvimento dela na prática do futebol não tenha ocorrido dentro das aulas de educação física, a insistência do professor em solicitar que os pais colocassem ela em uma escolinha, fez com que ela iniciasse a trajetória dela no futebol.

A E2 relata que uma de suas professoras de educação física teve impacto positivo sobre sua trajetória:

[...] **Professora Jaqueline, eu nunca esqueço o nome dela**, ela foi importantíssima, assim, na minha escolha de esporte como profissão, porque **naquela época não tinham meninas jogando futebol** [...] e eu lembro que a primeira vez que eu fui pedir para jogar futsal com os meninos, eles não deixaram. E eu fui falar com essa professora com a Jaqueline, e aí ela foi lá, **ela interveio por mim**, né, e disse “não, ela vai jogar sim”. E foi aí que eu comecei a jogar, comecei a jogar na escola. E aí eu tive a aceitação deles...**e foi aí que eu comecei a paixão pelo futebol.**” (E2, 12/10/2024, *grifos nossos*).

Os vestígios das limitações do período em que as mulheres foram proibidas de jogar futebol, fizeram com que fossem estabelecidas distinções para a prática feminina e masculina de esportes (Broch, 2021). Desde que o futebol surgiu no Brasil, as mulheres, em diferentes contextos sociais, lutaram por seu espaço dentro da modalidade e desconstruíram as representações que existiam sobre a biologia do corpo e do sexo, que eram atribuídos a sua prática. (Goellner 2021).

Em 2019, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) aprovou, no estatuto, mudanças para tentar promover a igualdade de gênero. Os clubes de futebol masculino que quisessem obter a licença da confederação para disputar a Copa Sul-Americana ou a Libertadores da América deveriam criar equipe de mulheres

até 2019 – ou se associar a outro clube que possuísse essa categoria atuante em campeonatos oficiais (Aguiar, Maldonado, 2021). Mas, será que a implementação dessa medida mudou a realidade em que o futebol feminino vive? Um comentário feito pela E1 chamou a atenção, ela salientou que “As situações ainda nos clubes, a maioria são precárias, muito precárias, entendeu? São profissionais que não são os ideais, as estruturas que muitas vezes não são ideais.” (E1, 30/11/2024). Ainda sobre isso a E3 relata: “Esses tempos agora eu vi uma matéria que saiu do Flamengo né, do Rio de Janeiro, que o Flamengo encerrou as atividades com a categoria de base feminina. **Só tá com o time profissional porque é obrigado a ter.**” (E3, 25/10/2024, *grifos nossos*). Essas falas das entrevistadas nos mostram como o futebol praticado por mulheres, em termos de estrutura e investimento, ainda vive na precariedade. E mesmo com as “melhorias” poucos avanços quanto a adesão das mulheres ao futebol foram alcançados.

Podemos ver, pela fala das entrevistadas, que mesmo com todas essas competições e surgimento dos times profissionais, a maioria das jogadoras ainda não conseguem viver apenas do esporte. A realidade das atletas do futebol praticado por mulheres no Brasil ainda é a de um salário insuficiente, que faz com que a maioria delas não possa se dedicar somente ao esporte, havendo a necessidade de trabalhar em outros empregos para que consigam se manter uma estabilidade financeira (Aguiar, Maldonado, 2021): Hoje eu sou atleta de futebol, mas também trabalho em uma academia, sou acadêmica de fisioterapia, até porque a gente mulher, **nós mulheres não podemos hoje ter o privilégio de viver do futebol.** (E3, 25/10/2024, *grifos nossos*). A E2, atualmente, já é aposentada dos campos de futebol e trabalha hoje em dia na coordenação de esportes de um colégio, mas, ela conta um pouco como era na época em que jogava profissionalmente: “Olha, naquela época, a questão que mais pesava era a questão financeira. Porque a gente só ganhava ajuda de custo quando tinha competição. Então, eu tinha que depender dos meus pais.” A mesma traz uma fala muito interessante sobre a questão salarial que abrange o futebol feminino: “descobri isso jogando futebol e percebendo que eu precisava buscar uma formação porque aquilo ali era o que eu queria, eu amava fazer, **mas não era o que ia garantir o meu futuro.**” (E2, 12/10/2024, *grifos nossos*). A E1 é a única, dentre as três entrevistadas, que consegue viver apenas do futebol, porém ela comenta que: **“Eu acredito que eu faço parte do 1% que consegue isso.** Então, desde quando

eu passei para o campo, no ano seguinte, desde 2019, eu consigo me sustentar somente com o dinheiro do futebol” (E1, 30/11/2024, *grifos nossos*).

Após isso, o futebol praticado por mulheres avançou, porém, a passos lentos e descontínuos. De fato, o cenário dessa prática corporal nunca foi animador no contexto brasileiro, já que a cada dois passos que as mulheres andavam para frente, eram mais quatro passos para trás, pois as jogadoras lidavam, e ainda lidam, com condições precárias, falta de investimentos, preconceito e sexismo que as limitam de praticar o esporte (Aguiar, Maldonado, 2021).

Quando questionadas se “Você identifica vantagens de ser mulher jogadora de futebol profissional?”, as entrevistadas comentam que, ainda não conseguem perceber muitas vantagens em serem profissionais do esporte: “Eu ainda acho que a única vantagem é a minha de realização pessoal, né? [...] Você está vendo as dificuldades, então assim, quando você fala vantagem de ser jogadora, ...(suspiro), eu ainda não vejo essa vantagem” (E1, 30/11/2024). De maneira rápida e convicta a E3 responde: “Não (risos). Olha, só por ser mulher a gente não tem vantagem nenhuma, né, já começa por aí. O incentivo, obviamente, salário, não é incentivador nem um pouco [...] Não tem vantagem alguma” (E3, 25/10/2024). Olhando sobre uma perspectiva diferente a E2 responde: “(suspiro) Olha, ... eu acredito que para as mulheres a porcentagem delas para se tornar profissional, a vantagem é maior do que para os homens” (E2, 12/10/2024). O interessante aqui é ver como E2 fez uma relação direta com o futebol masculino, mesmo que a pergunta não tenha sido “vantagens em relação aos homens”. A E2 segue explicando o porquê de ela achar que o futebol praticado por mulheres tem essas vantagens:

[...] Porque, assim, **a concorrência é menor no futebol feminino do que é no futebol masculino**. No futebol masculino, [...] a gente só vê aquele 5%, que passaram, que estão lá, que estão ganhando milhões, rios de dinheiros, enfim. Só que **os outros 95%, eles acabam no meio do caminho**. No futebol feminino, a vantagem é que a concorrência é menor. Então, você consegue se tornar profissional mesmo você não tendo qualidade técnica tão diferenciada [...] porque o futebol feminino consegue ter esse tempo para trabalhar **porque são poucas meninas que se interessam por jogar futebol** [...]. (E2, 12/10/2024, *grifos nossos*).

Como vimos, o futebol feminino sofreu e ainda sofre discriminações sobre o seu crescimento e reconhecimento, mas cabe aqui ressaltar que os espaços que as mulheres futebolistas vêm conquistando, dia após dia, ano após ano, década após

década, “em uma área que carece da devida valorização” (Ribeiro et al. 2023, p.4) é algo a ser aplaudido e exaltado, pois foram décadas de lutas, repreensões e proibições que tornaram o futebol um ambiente a ser conquistado pelas mulheres. A fala que a E3 fez ao final da sua entrevista, relata como tem sido, para ela, o processo de adentrar o universo do futebol, desde que ela começou a sua trajetória no esporte:

[...] **ser mulher é muito difícil** e a gente é muito guerreira, a gente é muito forte, a gente é muito determinada, ...a gente é taxado o tempo todo, a gente é comparado o tempo todo, **a gente é menosprezada o tempo inteiro** então a gente tem que estar sempre...batalhando e mostrando que a gente pode, a gente sempre tem que estar provando então isso nos torna um pouco mais fortes...eu acho que pra ser mulher é muito difícil [...] (E3, 25/10/2024, *grifos nossos*).

Através do relato das entrevistadas e da literatura aqui apresentada podemos perceber como as mulheres futebolistas tiveram que ultrapassar barreiras e superar obstáculos para conquistarem o seu espaço no mundo do futebol. O caminho percorrido para alcançar a autonomia social e inserção da mulher no universo dos esportes tem sido bastante conturbado e ainda existem algumas barreiras a serem superadas (Ribeiro et al, 2023). O futebol praticado por mulheres ainda carece de estruturação, valorização e investimento. Em um estudo recente, Goellner (2021, p. 2) afirma que “O protagonismo das mulheres no futebol é um tema que ainda merece grande investimento em termos de pesquisa, produção de fontes e visibilidade”. Às questões relacionadas a gênero, interferem no modo como o futebol para mulheres é praticado no Brasil. Mesmo após as melhorias em relação ao acesso das mulheres no esporte, é importante salientar que a luta pela igualdade e por condições melhores dentro do futebol ainda existem e, até que as condições melhorem, ela nunca irá parar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida em que os conteúdos da educação física, são estritamente os esportes, mais precisamente, o futebol, podemos perceber, pelo relato das entrevistadas, que as aulas de educação física se tornam lugares propícios ao reforço de estereótipos de gênero. As questões de gênero que permeiam essa modalidade, são transferidas para dentro das aulas de educação física, tornando-as excludentes para os sujeitos que não se encaixam nos padrões esperados da modalidade. Podemos identificar que as entrevistadas tiveram experiências parecidas quanto aos conteúdos que eram ministrados nas suas aulas de educação física, mas seus relatos se diferem quando o ponto se torna a influência que essas aulas tiveram nas escolhas profissionais dessas atletas. Das três entrevistadas, apenas uma delas relatou a influência positiva de uma de suas professoras de educação física na sua escolha pela prática e continuidade no futebol, enquanto as outras relataram que a educação física escolar não influenciou, diretamente, em nada nas suas escolhas. Isso devido a maneira como as aulas eram ministradas, relatam que as aulas eram desestimulantes para as meninas que queriam jogar futebol.

Essa pesquisa permitiu entender as questões de gênero que ocorrem dentro das aulas de educação física, através do relato de jogadoras profissionais de futebol. Além de entender como essas questões podem ou não influenciar nas escolhas profissionais dos sujeitos que estão inseridos dentro das aulas de educação física. Além disso, cabe aqui ressaltar que as Diretrizes Nacionais de Educação, da educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, apontam a necessidade de trabalhar questões ligadas a gênero e sexualidade. Dito isso, com os achados deste trabalho, ele se torna um auxílio, aos profissionais da área, sobre essas discussões e amplifica as discussões já existentes na área da educação física, sobre as questões de gênero, trazendo uma nova perspectiva através da trajetória das atletas profissionais de futebol aqui entrevistadas.

Como resultados, também, se evidenciou, como o futebol, atualmente, ainda é atravessado por questões de gênero e ainda carrega consigo estereótipos de ser um ambiente essencialmente masculino. É possível também, entender que, mesmo após 40 anos do fim da proibição da prática das mulheres nesse esporte, o futebol ainda carrega consigo resquícios desses anos de proibição. Como relataram as

entrevistadas, o futebol praticado por mulheres ainda vive na precariedade e carece de investimentos, visibilidade, estrutura e, principalmente, de políticas públicas que apoiem e deem suporte para a modalidade avançar e alcançar seus objetivos.

Dentre as limitações desta pesquisa, está o número de entrevistas, que foram apenas três. Seria interessante, para pesquisas futuras aumentar o número de entrevistadas, para que se tenha uma visão mais amplificada sobre a influência das aulas de educação física na profissionalização de mulheres atletas de futebol e para dar mais voz aquelas que até hoje enfrentam as questões de gênero que a modalidade carrega.

Para concluir, levando em conta, toda a construção deste trabalho, minha aproximação com o futebol e minha formação em educação física, licenciatura, destaco aqui a importância de que os conteúdos que permeiam as aulas de educação física sejam cada vez mais diversificados, para que os(as) alunos(as) criem diferentes experiências dentro das aulas, e as mesmas se tornem objetos de transformação e de construção de pensamentos. Destaco aqui também a importância dos professores nesses processos e em como o planejamento e ministração de suas aulas devem levar em consideração as discussões relacionadas aos estereótipos de gênero, para que se crie um ambiente onde as práticas de exclusão e misoginia não sejam reforçadas e reproduzidas.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Diovanna Stelmam Negeski; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de Educação Física Escolar**. Temas em Educação Física Escolar, v. 6, n. 3, p. 1-25, 2021.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.
- ARANTES, Ana Cristina et al. **A história da educação física escolar no Brasil**. Revista Digital, p. 1-18, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, D. E.; MATOS, L. E. A. L.; NASCIMENTO, A. B. R. E. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.
- BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro C.; CASTRO, Flávio D.; GALATTI, Larissa R. **CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul**. In: MARTIN, Mariana Z.; WENETZ, Ileana (org.). Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas. Curitiba: CRV, 2020.p. 29-44.
- BROCH, Marina. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. Temporalidades, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. 2018. N°78. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- CRUZ, Marlon Messias Santana; PALMEIRA, Fernanda Caroline Cerqueira. **Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar**. Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, p. 116-131, 2009.
- COSTA, Rheuel Lima da. **Futsal Feminino: a educação física escolar contribui para a escolha da modalidade como prática?** 2019. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2019.
- DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. **The qualitative research interview**. Medical Education, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.
- FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. **Futebol Questões de Gênero e Coeducação: Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural**. Pesquisa de campo, n. 2, p. 17-39, 1995. Acesso em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-questoes-de-genero-e-co-educacao/>.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler.** Revista Criação & Crítica, n. 20, p. 40-55, 2018.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler:** apontamentos a partir de “problemas de gênero”. Doxa: Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./ jun. 2017. ISSN: 1413-2060.

FREITAS, Alice Francisco et al. **O futebol no jornal das moças:** as aproximações e os distanciamentos das mulheres. Corpoconsciência, p. 63-74, 2019.

FURLAN, Cássia Cristina; SANTOS, Patrícia Lessa. **Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas:** reflexões acerca da invisibilidade. Motrivivência, n. 30, p. 28-43, 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 2002. 4ª edição. Disponível:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf . Acesso em: 05 jun. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulher e esporte no Brasil:** entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil:** descontinuidades, resistências e resiliências. Movimento (Porto Alegre), v. 27, e27001, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em 21 de julho.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 272 p.

GUAZI, Taísa Scarpin. **Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas.** Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, 2021.

LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane, GOELLNER, Silvana (organizadoras). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. 9. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **A participação das meninas nas aulas de educação física: dilemas de um professor no ensino do futsal.** 2020. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, DESLANDES, Suely Ferreira, GOMES, Romeu. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Revista Vozes. 28. ed. Petrópolis, RJ, 2009.

MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação.** In: . O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

MOMMAD, Maicon Luiz. **A história da educação física escolar no Brasil: leis e decretos norteadores.** Horizontes – Revista de Educação, Dourados-MS, v. 9, n. 14, 2020.

MORAES, Bruna; DIAS, Juliana; OLIVEIRA, Rogério. **As narrativas de gênero na Educação Física escolar: Scoping review da literatura científica brasileira nas ciências da saúde.** Educação em Revista, Minas Gerais, v. 39, jan. 2023.

OLIVEIRA, Carla Cristina Santos. **Fatores desencadeadores para o início da prática esportiva dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020.** 2021.177f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PEREIRA, S. A. M. **Sexismo nas aulas de educação física: uma análise dos desenhos infantis e dos estereótipos de gênero nos jogos e brincadeiras.** Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 2004, 182 p. Tese (doutorado) – Programa de PósGraduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Raphaela Pimenta Peres e colaboradores. **Futebol feminino, escola e cultura: possíveis impactos das aulas de educação física na perspectiva das atletas.** Corpoconsciência, v.27, e.16582, p. 1-18, 2023.

SILVEIRA, Viviane Teixeira; VAZ, Alexandre Fernandez. **Corpo feminino no esporte: entre heterossexualidade compulsória e lesbofobia.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 36, p. S212-S222, abr./jun. 2014.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** 2005. Disponível em: https://tccbiblio.paginas.ufsc.br/files/2010/09/024_Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes1.pdf. Acesso em 05 jul. 2024.

SILVA, Marcelo Moraes; FONTOUR, Mariana Purcote. **Educação do corpo feminino: um estudo na Revista Brasileira de Educação Física (1944-1950).** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 25, p. 263-275, 2011.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Temáticas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. **A prática do futebol feminino no ensino fundamental.** Motriz, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Idade:

Cidade que mora:

Qual sua profissão:

Qual sua escolarização:

Qual o período que você frequentou a escola:

Cidades que morou:

Quais escolas estudou:

Qual a sua relação com o futebol de campo atualmente:

Qual sua ocupação profissional para além do esporte:

TRAJETÓRIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Quais as suas lembranças da educação física escolar?

Como eram organizadas as suas aulas de educação física escolar nas diferentes fases de ensino?

Você poderia falar como as atividades esportivas eram ministradas? Quais os esportes que mais marcaram a sua memória e por quê?

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E FUTEBOL

Você lembra de atividades relacionadas ao futebol? Quais eram? Como os(as) professores(as) ministravam?

Como as meninas se relacionavam com o futebol nas aulas de educação física? E você?

Como isso influenciou na sua trajetória esportiva no futebol?

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, FUTEBOL E GÊNERO

Por ser mulher, quais os desafios e/ou facilidades que você vivenciou na prática do futebol na educação física escolar?

Esses desafios e/ou facilidades que influenciaram na sua escolha profissional no futebol?

FUTEBOL PROFISSIONAL E GÊNERO

Quais os desafios que você ainda enfrenta?

Você identifica vantagens de ser mulher jogadora de futebol profissional.

ANEXO A – TCLE

Página 1 de 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário – Trindade Florianópolis - SC – Brasil
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em
Educação Física

Prezado(a),

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da pesquisa intitulada “A relação entre educação física escolar e gênero: uma perspectiva através da trajetória de mulheres atletas profissionais de futebol”, desenvolvida pela professora responsável Carolina Fernandes da Silva, do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Santa Catarina. Este estudo tem como objetivo entender a relação entre educação física escolar e gênero, através da perspectiva de mulheres atletas profissionais de futebol.

Você poderá contar suas experiências como mulher atleta profissional de futebol, pois, como um ser ativo ainda nesse ambiente esportivo, suas experiências podem trazer um novo olhar para as questões de gênero no ambiente do futebol, um olhar de quem vivenciou e ainda vivencia essas questões em seu cotidiano (benefício indireto). Além de contribuir para o incentivo do futebol praticado por mulheres (benefício indireto).

Para a realização desta pesquisa, as informações serão coletadas em entrevistas semiestruturadas com mulheres atletas de futebol, que ainda são ou já foram profissionais do esporte. A entrevista será individual, gravada, transcrita e realizada mediante a sua disponibilidade, em ambiente virtual (*Google Meet*). A duração da entrevista terá em torno de 1 hora e 30 minutos.

Este estudo não apresenta riscos de natureza física, no entanto, existe a possibilidade de mobilização emocional relacionada ao tema, como por exemplo, causar constrangimento ou aborrecimento ao responder sobre alguns fatos vivenciados no passado. Contudo, estamos dispostos a acolher, interromper a entrevista, retornando a coletar os dados sob anuência, tão logo o participante esteja à vontade para continuar ou desistir.

Informamos que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar as identidades. Os resultados poderão ser apresentados em eventos ou periódicos científicos, garantindo-lhe o direito ao anonimato e resguardo de sua privacidade. Para preservar a privacidade da identidade dos participantes serão utilizados nomes fictícios ou códigos, contudo, as biografias apresentadas e relatadas poderão fornecer informações que identifiquem os indivíduos. Acrescentamos que, apesar dos esforços e das providências necessárias tomadas pelos pesquisadores, sempre existe a remota possibilidade de quebra de sigilo, ainda que involuntária e não intencional.

Gostaríamos de esclarecer que você pode recusar-se a participar do estudo, ou mesmo desistir a qualquer momento da entrevista, sem que isto acarrete qualquer prejuízo a sua pessoa. Você não pagará nada para participar nesta pesquisa e nem

será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas comprovadamente decorrentes da pesquisa serão ressarcidas. Igualmente, garantimos a você o direito à indenização, caso ocorra qualquer dano comprovadamente decorrente da sua participação neste estudo.

Rubrica pesquisador(a) Rubrica participante

Página 2 de 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
Campus Universitário – Trindade Florianópolis - SC – Brasil
Coordenadoria do Curso de Licenciatura em
Educação Física

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos antes, durante e após a pesquisa pode nos contatar que daremos todo o acompanhamento e assistência.

Pesquisadora responsável: CAROLINA FERNANDES DA SILVA, Centro de Desportos CDS/UFSC

- Campus Trindade, Av. César Seara - Carvoeira, Florianópolis - SC. Telefone: 48 3721-3868; Celular: 48 – 9991937375, e-mail: carolina.f.s@ufsc.br.

Em caso de dúvidas relacionadas a questões éticas, você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEPSH/UFSC) que está localizado no Prédio da Reitoria II, 4º andar, sala 701, na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094. O CEPSH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

A pesquisa atende todas as especificações da Resolução 510 de 2016, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e os pesquisadores se comprometem a cumprir os termos da referida resolução. Caso você aceite participar da pesquisa, este termo deverá ser encaminhado por e-mail, sendo preenchido, rubricado em todas as páginas e assinado ao seu término pela pesquisadora e pelo(a) participante da pesquisa, em duas vias de igual teor. Você receberá uma via assinada deste documento por e-mail e terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado. Após a finalização do estudo, os resultados serão disponibilizados aos participantes da pesquisa.

Eu____(nome do participante), nesses termos e considerando-me livre e esclarecido(a) sobre a natureza e objetivo do estudo proposto, aceito a minha participação voluntária no estudo.

Assinatura do(a) participante da pesquisa: _

Você pode escolher a sua participação da forma que se sentir mais confortável, sendo as seguintes opções:

- a. Desejo participar da pesquisa sem que os dados de áudio e vídeo sejam gravados;
- b. Permito que somente o áudio da entrevista seja utilizado para os fins desta pesquisa.
- c. Permito que o áudio e o vídeo da entrevista sejam utilizados para os fins desta pesquisa.

Profa. Dra. Carolina Fernandes da Silva
Pesquisadora responsável